

10/09/2018 - 05:00

Alimentação em transformação

Por José Graziano

Os padrões de alimentação passam por uma lenta - mas profunda - transformação em todo o mundo. Um dos principais motores desta transição é a crescente conscientização global sobre a importância de uma alimentação saudável e nutritiva para uma vida também saudável. É nesse contexto, por exemplo, que o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável número 2 da Agenda 2030 (aprovada em 2015 pela Assembleia-Geral das Nações Unidas) determina não apenas a erradicação da fome no mundo, mas também de todas as formas de má nutrição.



Os altos índices de sobrepeso e obesidade vem alarmando países e governos. Só nos EUA, a obesidade já enredou 40% da sociedade; ao custo de US\$ 200 bilhões ao ano em gastos com saúde. O distúrbio cresce sem parar desde 1999, quando afligia um terço da população, e agora se expande entre jovens e crianças: 13% da infância nos EUA está obesa, uma verdadeira bomba-relógio instalada na saúde pública. Não será uma explosão isolada. A prevalência da obesidade dobrou entre 1980 e 2015 em setenta e três países. Se nada for feito para conter tal progressão, 22% da humanidade poderá ser levada pelo arrastão calórico-sedentário até 2045, quase dobrando a taxa atual (14%), segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS).

De fato, a questão da obesidade no mundo é hoje em dia tão ou mais grave que a da fome. O problema da fome, de certa forma, está sob controle. Sabe-se onde ela está, e sabem-se as suas causas. A fome no mundo atinge basicamente as regiões de conflito e seca, sendo a sobreposição desses dois fatores explosiva. Já a obesidade vem afetando a humanidade de forma descontrolada.

Países exportadores de commodities, como o Brasil, poderão ter de repensar em breve seus modelos de produção. Produtos industrializados como o suco de laranja em caixas, ricos em açúcar e aditivos, perdem cada vez mais espaço para o suco feito na hora

A obesidade está em todos os países, desenvolvidos e em desenvolvimento, e nenhuma política pública se mostrou até agora totalmente eficaz para combater seu crescimento, reforçando a percepção de que estamos diante de um quebra-cabeça incompleto. Dois aspectos, no entanto, são fundamentais.

O primeiro deles é a educação nutricional da população, o que inclui também uma rotulagem mais adequada dos produtos. As pessoas necessitam ter mais consciência, conhecimento e informação sobre o que estão consumindo. No Brasil, segundo dado recente do Ministério da Saúde, o grupo populacional que mais engordou nas últimas décadas foi o das mulheres com menos de oito anos de estudos: 26% delas registram obesidade atualmente, contra 18% da média nacional.

O segundo fator - que também é uma consequência da mudança dos padrões de alimentação - é a transformação dos sistemas agroalimentares, com a valorização da produção local e de circuitos curtos de transporte. Faz-se necessário comer mais frutas, mais verduras, mais produtos frescos em geral, e evitar produtos industrializados e processados. A esse respeito, recente estudo científico desenvolvido no âmbito do "National Bureau of Economic Research" (NBER), nos Estados Unidos, indica que a importação de produtos americanos pelo México explica pelo menos 4% do aumento da prevalência de obesidade entre mulheres mexicanas entre 1988 e 2012. Ademais, é preciso diversificar a produção e o consumo, que hoje ainda se baseia em cinco produtos: 80% do que é consumido no mundo deriva-se do arroz, do milho, do trigo, da soja e da batata.

A transformação dos sistemas agroalimentares já se encontra em curso em muitos países, sobretudo na Europa (mas também na África e Ásia), onde a agricultura familiar e de pequena escala ganham cada vez mais força com foco na produção de alimentos saudáveis tanto para as classes mais baixas quanto para a classe de maior poder econômico: se no Peru o quilo de quinoa é vendido a menos de um dólar, na Europa não se compra por menos de dez dólares. Ou seja, há uma tendência de as pessoas não economizarem esforços (preparar sua própria comida) e dinheiro em busca de alimentos mais saudáveis e nutritivos.

Nesse contexto, países exportadores de commodities, como o Brasil, poderão ter de repensar em breve seus modelos de produção. Produtos industrializados como o suco de laranja em caixas, ricos em açúcar e aditivos, perdem cada vez mais espaço para o suco feito na hora.

Com exceção do Mercosul, a produção de commodities vem crescendo em ritmo menor, ou mesmo diminuindo, em outras partes do mundo. O Mercosul tem retomado a liderança das commodities em todos os setores agrícolas, de grãos a carnes, em meio a um processo intensivo de introdução de novas tecnologias. Isso gera também um impacto social: a concentração do controle da tecnologia pode ser ainda mais marcante que a concentração de terras. Os pequenos agricultores não terão chance de acompanhar as mudanças tecnológicas se não houver políticas públicas de assistência técnica e extensão rural.

Outros dois pontos são igualmente importantes. O impacto do crescimento da renda sobre o consumo médio já aconteceu, inclusive na China. Em grande parte, a transição para a dieta mais proteica (carboidratos por carnes) atingiu seus limites, em razão também das crises financeira e econômica. Além disso, mesmo com o crescimento populacional a impulsionar a demanda global de alimentos, a tendência é de declínio das taxas de crescimento populacional no longo prazo.

Para o futuro, portanto, projetar a demanda por commodities agrícolas pari passu com o crescimento da população pode não ser a estratégia mais adequada, em razão de uma tendência diversa que deverá resultar na reconfiguração produtiva dos sistemas agroalimentares, com base no volume do estômago e do desejo das pessoas por uma vida mais saudável.

José Graziano da Silva é diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO)